

Contribuinte não tem moratória

Marcelo Medeiros

EM dois anos de governo, o presidente Sarney trocou 15 ministros, dentre eles o da Fazenda e do Planejamento, e três presidentes do Banco Central. Considerando-se as centenas de substituições ocorridas nos escalões inferiores a cada reinado do novo titular, pode-se imaginar a confusão instalada na área econômica. O governo "messiânico" do presidente Sarney ressuscitou a prática dos decretos-leis que o PMDB combateu por mais de vinte anos e agora os aprova com pose de redentor nacional. Até hoje, já foram editados 51. Ontem a oposição era minoria. Tão minoria que os cachorros da polícia baiana do então governador Roberto Santos a fizeram correr sob o apito de um PM. Este mesmo PM, vítima do Plano Cruzado, assiste esta mesma oposição, hoje governo, promover a desorganização econômica do país e perpetrar, com deslavado cinismo, o maior assalto ao bolso do contribuinte. Sem dúvida, ele deve estar arrependido de, naquela época, não estar comandando cães mais bravos...

A nação está desorientada e perplexa. O Presidente da República acusa as classes empresariais de desobediência e de anarquismo, enquanto se preocupa em premiar seus colegas da Academia, nomeando-os adidos culturais pelo mundo afora (como se um brasileiro, ao descer do metrô numa cidade européia, fosse logo indagado sobre as atividades culturais de nosso país), com salários e mordomias que somam mais de dez mil dólares por mês, pagos com o suor e o sacrifício dos trabalhadores.

Nem o ministro Delfim Neto no auge da ditadura teve o cinismo de afirmar tão peremptoriamente, como hoje fazem os dirigentes da área econômica, que determinadas medidas estavam sendo decretadas em benefício da população, como os planos cruzados, o pacote do imposto de renda, o controle da inflação e o gatilho salarial. O que ocorreu na realidade foi que os preços aumentaram astronomicamente e os salários ficaram congelados. O gatilho salarial, que se presumia ser uma garantia para as classes trabalhadoras, funcionou ao contrário. As greves

sucedem-se e se sucederão em proporção maior do que a capacidade da Engesa de produzir urutús. Ou, quem sabe, da voracidade da Receita Federal de abocanhar pelo imposto de renda os minguados salários da classe média.

Estamos vivendo um período de incoerências quer no plano interno quer no internacional. Enquanto o governo diz aos banqueiros estrangeiros que não tem condições de pagar os juros da dívida externa, impõe ao contribuinte do imposto de renda aumentos extorsivos sem se importar com a sua capacidade de pagá-los. Se o contribuinte, seguindo o exemplo do Presidente da República, decreta a moratória, é condenado a pesadas multas ou à prisão. E os empréstimos compulsórios, decretados na calada da noite, para atingir indiscriminadamente todos os brasileiros? E o novo pacote? Que sangrias trará? Se os desvarios deste governo não provocassem tantos prejuízos à imagem do Brasil no exterior e tanta revolta nos brasileiros, poderíamos encará-los jocosamente. Nicolás de Chamfort já dizia no século XVIII, a propósito de tolices ministeriais: "Se não houvesse o governo, não se riria mais." O que o governo francês, sede do Clube de Paris, deve estar pensando do Brasil, que deixa vaga sua embaixada na França, à espera de um apaniguado para ocupá-la, exatamente no momento em que seria crucial para o país ter um ou vários embaixadores tratando e negociando **full time** uma dívida de bilhões e bilhões de dólares?

Contundente foi Rui Barbosa na sua famosa Oração aos Moços: "Se o povo é analfabeto, só um ignorante estará em termos de o governar. Nação de analfabetos, governo de analfabeto." É notório que esta acusação não pode ser dirigida ao presidente Sarney, homem culto e politicamente experiente. Mas pode certamente ser endereçada à equipe econômica de seu governo, que, apesar de se julgar predestinada, revelou-se incompetente e ignorante no que se refere à realidade brasileira. Talvez tenha sido por isso que o novo ministro do Planejamento, escolhido por Sarney, seja advogado.

Uma coisa é certa: o presidente Sarney precisa começar a acertar. O povo e a nação brasileira são mais importantes do que a Academia, os apaniguados e a política interna.